

Puck
até 22/10

A ÚLTIMA ESPERANÇA



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

**AUTOR: FRANCISCO
TURMA 303**



- A ÚLTIMA ESPERANÇA -

I LENA-EDIFÍCIOS
ESTRELAS-FRANCA DE UMA CASA

NARRADOR - A juventude sofreu durante décadas movimentos revolucionários e os realizou incompletamente. Nossa geração é consequência de movimentos, principalmente relacionados com a música. Sempre houve nos jovens o desejo de modificar o mundo, porém, sempre houve a tirania das gerações antigas e sua cultura obstando as reivindicações ou pensamentos liberacionistas.

Nós jovens pensamos assim, mas analisando realisticamente o nosso comportamento, chegamos a conclusão de que as alterações que nós proclamamos são ambíguas, ou até mesmo utópicas, já que permanecem ainda em nossas mentes a cultura antiga e muitos dos sentimentos antiquados e discriminatórios, inerentes a inconsciência dos nossos antecessores. Chegou o tempo de encontrarmos a nossa consciência livre e justa, a luz que iluminará o caminho para o amor verdadeiro e tornará a canção das nossas vidas mais bela e autêntica.

No universo infinito do sonho real, existe alguém. Esse alguém pode ser você. Você vive em um cenário múltiplo. O você pode ser o outro. O outro vive você e sente o seu mundo, ele ama você e é eu.

Do Sol nasceu Divirik. Divirik é você ou eu, ou nós, ou alguém, em algum lugar, não importa onde. Foi assim que ele nasceu, cresceu, viveu, amou, libertou-se e não morreu. Não morreu porque ele nasceu do Sol, o Sol o ama e ele ama o Sol, você, eu, nós. O Sol é nosso futuro ou nosso jamais.

DIVIRIK - Eu estou tão só, só vejo estrelas perdidas, vejo corpos se movendo no espaço infinito. Onde estou? É tão escuro e quente! Mas sinto pulsações. Sei que existe alguém sobre mim ou em mim. Acho que somos nós, ou nós somos eu. Meu corpo me envolve, me aprisiona e me liberta, me corrompe e me purifica.

Hei! Estou sentindo uma luz distante, clara e brilhante. Mãos me puxam, me mexem e remexem. Apertam a minha cabeça, puxam. Saí, ou entrei? Não sei por onde, nem para onde. Porque?

LUA - É lindo!... Meu Deus, que felicidade!

SOL - Sim, é lindo! É o mensageiro do Senhor que nasce. O seu reino será a Terra. Ele a modificará e dará seu amor aos homens. Ele é o amor que purificará e iluminará as almas e os corações perdidos.

LUA - Meu amor, não podemos deixá-lo indefeso em um mundo tão cruel!

SOL - É...esse pequeno mundo lá embaixo se agiganta em violência e desunião. Mas Deus deu-lhe uma alma forte e um escudo resistente: a verdade. É preciso que o deixemos partir agora mesmo, pois sua tarefa é longa e difícil. Em suas mãos estão milhares de vidas que anseiam por justiça.

NARRADOR - Divirik conheceu a vida. Conheceu o que não conhecemos, viveu o que não vivemos. Além de nossos limites está seu mundo e ele o vive intensamente.

Uma estrela cadente no solo distante e solitário pouso. A estrela de fogo no anoitecer é Divirik.

DIVIRIK - Meu Pai, diga que ainda vivo! Você, é somente você, pode sentir o que sinto neste momento. Por incrível que possa parecer, não estou só, pois a fé que tenho em você me desperta para a vida. Quando caminho sob o Sol, com seus raios derramando-se sobre meu corpo, sinto aumentar em mim o amor por você, mas nos momentos de solidão, como agora, eu aprendo o quanto eu o amo e quanto seu amor me faz falta.

ALIANDRA - Hei, moço!... Venha comigo. Eu moro aqui perto. Você parece estar faminto. Eu lhe darei comida e agasalho.

DIVIRIK - Eu sabia! Você nunca me deixa desamparado.

ALIANDRA - O que?! Está falando comigo?

DIVIRIK - Não... não. É que eu estava pensando em algumas bobagens.

ALIANDRA - Olhe, a minha casa fica lá. Eu moro com o meu avô Timóteo. Ele é um velhinho muito bondoso. Eu tenho certeza que ele vai recebê-lo bem. Não tenha receio.

DIVIRIK - É muito bom te conhecer...

ALIANDRA - ...Aliandra.

DIVIRIK - É...Aliandra. Eu me chamo Divirik. Você está sendo muito gentil comigo, muito obrigado.

Eu conheci muitas pessoas, mas você é diferente. Existe algo em você que me aproxima. É como se houvesse uma afinidade entre nós. Parece até que nós já nos conhecíamos há muito tempo, não? Mas é somente ilusão.

ALIANDRA - Sabe, às vezes a gente não deve procurar explicar certas coisas que acontecem e nos surpreendem. Mas esse momento mexeu comigo, Divirik. Fiquei fascinada com suas palavras e com seu modo franco e aberto de ser.

DIVIRIK - Talvez haja tempo pra gente se conhecer melhor com essa ocasião. É raro ver alguém sorrir como criança. Em você eu encontrei esse sorriso verdadeiro. É você quem faz meu coração se abrir.

X

ALIANDRA - Eu lhe peço, Divirik. Nunca alimente ilusões... Não gosto de falar assim com você, porque sei que é um cara muito sensível... Mas... preciso lhe dizer... Eu passei em minha vida, momentos que preferia até não lembrar... É que... meu pai morreu na guerra... A guerra é estúpida... Eu tinha sete anos... Um dia vi minha mãe lendo uma carta... e chorando... Eu não suportei e também chorei. Corri para o quintal... Tínhamos um jardim... De repente, comecei a ficar tonta e o mundo me assustou... As flores pareciam tristes... Meus olhos moviam-se para todos os lados, como procurando alguém... Não encontraram.

(Aliandra chora ao relembrar aquele infeliz momento, porém agora existe o consolo do amor de Divirik.)

DIVIRIK - Não chore... por favor... Não gosto de te ver assim, tão triste...

ALIANDRA - Me deixe só, pelo menos por um instante.

DIVIRIK - Desculpe... Aliandra... Eu não disse aquilo para iludí-la... ou para magoá-la... É que eu gostei de você... sinceramente.

ALIANDRA - Você é um cara bacana... Eu não devia ter falado aquilo... É que às vezes a gente não consegue controlar as emoções. (Aliandra recupera-se e pára de chorar)

DIVIRIK - Eu compreendi tudo, Aliandra... É lamentável.

ALIANDRA - É melhor eu deixar disso, não?... Foi uma cena ridícula...

DIVIRIK - Sinto muito...

ALIANDRA - Não adianta mesmo, a gente chorar pelo que já passou.

DIVIRIK - Toda estrada tem um fim, Aliandra... A nossa também terminará um dia.

ALIANDRA - Sim... Nossas vidas são apenas um jogo do tempo. O tempo é inalterável... Nossas vidas passam através dele, sem modificá-lo.

DIVIRIK - Você tem medo da morte?

ALIANDRA - Sim, mas é um medo normal, passageiro. O medo lógico da morte que qualquer pessoa pode sentir... Porque haveria de ter medo de nada? Muitas pessoas têm medo de nada, do mistério do nada... Eu tenho mais medo da morte dos outros que da minha própria morte.

DIVIRIK - O importante é a gente ter esperança... Esperar o nascer do Sol com confiança. Esperar o nascer de cada criança com fé na nova luz que vai brilhar... A fé supera o medo. Enquanto há fé, há luz, mesmo na escuridão da morte

ALIANDRA - Estamos chegando....É aqui que eu moro. Espero que você sinta-se em casa. Entre, esteja a vontade....Vovô venha até aqui !

TIMÓTEO - quem é esse rapaz?

ALIANDRA - Eu o encontrei perto da lagoa. Me deu pena!

TIMÓTEO - Dê-lhe alguma coisa para comer e depois deixe-o ir. Eu vou ao armazém do Joaquim comprar alpiste pros passarinhos. Lia, você tem que entender que nós não podemos nos preocupar com todos os mendigos que passam por aqui. Quando eu voltar não quero vê-lo aqui em casa, está bem?

(Timóteo sai da casa)

DIVIRIK - Desculpe Aliandra, por eu ter lhe causado esse problema.

ALIANDRA - Divirik, eu gostaria de saber o que o trouxe até esta região. Por aqui só passam caminhões levando mercadorias para o norte.

DIVIRIK - Talvez você não acredite, mas eu vim de um mundo muito distante do seu. Meus pais me deram a luz da vida e me enviaram ao seu mundo para amá-los e conhecê-los melhor.

ALIANDRA - Ah! Essa não! Você está brincando comigo! Mas não importa. Se você não quer contar, não tem importância.
(Enquanto Divirik se alimenta)

NARRADOR:- Aliandra coloca uma música romântica no toca-discos e dirige-se até Divirik.

ALIANDRA - Sabe, Divirik, apesar da maneira que nos conhecemos e do seu estado...eu preciso lhe dizer...que, assim como você, eu também notei em você alguma coisa de especial. Senti que uma força nos unia naquele momento que nos encontramos. Senti que daquele instante poderia iniciar entre nós um relacionamento muito profundo.

DIVIRIK - Não precisa dizer mais nada. O que houve entre nós foi amor....Você surgiu repentinamente em minha vida mas com muita força. Eu te amo, e esse amor é tão forte quanto aquele momento que passamos juntos.

ALIANDRA - Infelizmente esse nosso momento precioso, assim como surgiu, poderá dispersar-se no tempo rapidamente. Você precisa partir, pois meu avô logo voltará.

DIVIRIK - Sim, talvez essa experiência se perca no esquecimento, mas o nosso amor permanecerá vivo em nossos corações.

(Já anoitecia)

DIVIRIK - Eu tenho que partir. É mais uma experiência que se desfaz. Gostaria de tê-la ao meu lado em todos os mo -

mentos da minha vida para partilharmos da imensa felicidade que nosso amor construiu.

ALIANDRA - Nos amemos, então, para que este adeus não seja tão vazio. Chega de palavras insignificantes que não têm a profundidade de nossos sentimentos.

NARRADOR - No ventre o amor se encontrava, rolando entre os lençóis e derramando-se em luz nos olhares suplicantes, num momento de completa liberdade na união de dois seres amantes.

Nesse instante de divisão, esse amor pleno fundiu-se em lágrimas corredias sob o orvalho melancólico do anoitecer.

Na estrada escura e deprimente, Divirik conforta-se vendo o crepúsculo avermelhado no horizonte longínquo.

Na multidão Divirik sente a frieza do concreto. O asfalto sob os seus pés. O caminho de luz que não foi seguido. O amor que não se realizou. A guerra que destruiu esperanças.

DIVIRIK - Acordo e ouço uma música suave ao meu ouvido. Sinto como que o tempo recuando. A intensidade e a força desse momento me marcam e ferem meu coração. Parece que estou num mundo estranho. Vejo faces passando por mim indiferentes. Somente monstros de aço ou concreto à minha volta e robos de carne e osso se confundem e me machucam seus olhares cortantes. O amor aumentou em mim, pois aumentou o desejo de sentir a liberdade de Deus.

A chuva derrama-se sobre meu corpo e eu choro. Choro por sentir que o pranto de Deus é por mim. Choro por sentir que não estou só eu só, existe mais alguém só, por mim

NARRADOR - No indescritível sentido tempo-espaço, espaço-tempo; passado-presente, agora, ontem, amanhã, jamais. Algo mudou, o tempo mudou, a realidade mudou, o sonho mudou. Divirik vive o amor eterno, que transborda de seu coração e ilumina seu corpo, sua consciência e sua alma.

DIVIRIK - Meu coração é frágil e dói. Dói sentir-me perdido no desamor dos homens. Meu pai ainda brilha no céu, mas não sei até quando brilhará. Minha mãe natureza está sendo destruída. A escuridão do céu me assusta e me revolta. Fui violentado pelas balas do ódio, mas conheci a Esperança Divina. Conheci um pássaro amigo que me ensinou a voar até um mundo distante e maravilhoso.

PÁSSARO - Eu já estava cansado de voar sozinho. Você é um grande amigo que eu encontrei. Eu vou lhe mostrar coisas que você não imaginava que existissem, como a sensação de um voo sobre o mar. Nos embriagaremos contemplando o nascer do Sol; pousaremos no cume da mais alta montanha para nos sentirmos mais próximos de Deus e veremos a beleza da paisagem. Existem coisas lindas que a arte de nosso Pai criou, Divirik, mas poucos valorizam, porque poucos têm a sensibilidade Daquele grande artista.

DIVIRIK - Com você eu aprendi a ver mais longe, meu amigo. Você tem razão, pois somente na arte está a verdade. Na arte está o universo interior de quem a realiza, seus sentimentos, seu verdadeiro significado existencial. Já não há mais lugar para o artista nesse mundo violento.

PÁSSARO - Espere... Observe aquela cachoeira de estrelas no céu e os peixinhos vermelhos saltando de alegria na água cristalina. Ouça o som das gaivotas sobrevoando no céu... É maravilhoso, não?

DIVIRIK - Sim, sem dúvida, é maravilhoso. Mas você não se sente frustrado por viver em um mundo irreal, onde não pode nem ao menos dar seu amor a alguém?

PÁSSARO - Se eu o mostrei a você, foi num ato de amor, por que eu acreditei em você.

DIVIRIK - Eu também o amo, só que eu gostaria de vê-lo feliz vivendo a realidade, uma outra realidade, mais forte e expressiva. Nada vale ser feliz de uma forma tão frágil e incerta, na solidão completa.

PÁSSARO - Eu não posso viver lá, porque quanto mais eu conheço as pessoas, eu me decepção com elas.

DIVIRIK - Assim como existe esse seu mundo distante e desconhecido por todos, podem haver pessoas sensíveis como você e que você desconhece, talvez perdidas e buscando a fuga da realidade concreta de uma maneira bem mais arriscada que a sua. Muitos destroem suas vidas por serem incompreendidos pelos outros ou buscam a fantasia como você, só que por outros meios.

PÁSSARO - Deixe de lado um pouco a sua razão... Eu ando nesse caminho incerto pra sentir a liberdade de poder decidir meu destino, para me sentir vivo! Entenda, que eu não sou um produto de consumo, eu sou alguém independente que quer viver alegre, vivendo todos momentos! Veja e sinta aquele pássaro celeste e o que ele sente, talvez daí você sinta quem eu sou! Sinta a beleza daquele pavão e você sentirá o verdadeiro valor da palavra vida!

DIVIRIK - É um encanto!... Mas eu não posso sentir o que você quer que eu sinta. Eu jamais verei o que você vê... Eu sei que esse seu mundo mágico é fascinante, no entanto eu prefiro ter os pés no chão, para sentir o que meus irmãos sentem. Porque meu mundo real está sendo destruído pela violência e eu não posso aceitar e acomodar-me num sonho eterno, quando a vida de muitos é um pesadelo!

PÁSSARO - Você nunca conseguirá mudar o mundo sozinho.

DIVIRIK - Eu sei que eu não o mudarei. Alguém o mudará. Quando todos forem um, essa unidade o mudará. Eu só sei que esse seu mundo mágico é ilusão. Você foge da realidade porque é covarde e egoísta!

PÁSSARO - Não, você não pode falar isso de mim. Não sou egoísta. Sou um solitário, apenas... Procurei viver lá, mas não pude... Quando as máscaras daquela gente caírem, e os fios que movem e comandam a vida daqueles fantoches romperem-se, talvez eu volte... Você também é um palhaço na - quele circo... Eu sempre quis ser feliz... A estrada às vezes endurece. Não se deixe levar pelo coração.

DIVIRIK - Acho que está dizendo a sua verdade. Mas a minha é diferente.

PÁSSARO - Você conhece a realidade. Eu não sou inocente, nem você. Mas não queremos ser substituídos a vida inteira, não é? Eu ao menos tentei mudar, porque se ninguém começar, quem começará?

DIVIRIK - Sabe de uma coisa? Tenho vontade de chegar a um lugar qualquer do mundo e conhecer sua gente, saber como vive, como sorri, como ama cada um dos meus irmãos... Tudo isto, de um ponto de vista humano, comum, normal, sem mentiras. Gostaria de encontrar alguém como uma moça que conheci há algum tempo atrás, alguém que sorrisse por sorrir, por estar convencido que a vida é bela... Que sorrisse porque fazia Sol e não havia nenhuma nuvem no céu. Sorrisse por ver o mar e poder senti-lo, amá-lo.

PÁSSARO - Parece que você encontrou alguém muito importante na sua vida. Como ela se chamava?

DIVIRIK - Aliandra... Eu ainda guardo esperança... mas escondo no rosto sempre uma lágrima... Sei que ela também pensa em mim... Vivo o passado para viver aquela menina meiga que cativou meu coração... Sinto em minha alma um dor profunda, por que sei que momentos como aquele jamais voltarão... Já nem sei bem quem sou.

PÁSSARO - Para você aquele mundo tem um outro sentido, que eu não consegui encontrar... Não suportio essas cidades asfixiantes, com suas enormes avenidas sempre cheias de carros, sua inquietação eterna, o ruído infernal que não cessa um momento.

DIVIRIK - Gosto da vida, gosto de tudo e de todos. Faria qualquer coisa para que tudo fosse bom para todos, inclusive você.

PÁSSARO - Não existem momentos que você anseia por uma grande tranquilidade, um grande silêncio, uma grande paz? Como você encontrou aqui?... Ouça agora o som dos violinos ao longe...

DIVIRIK - Desculpe, mas eu preciso ir agora. Eu prefiro viver a minha realidade. Esse seu mundo louco é uma fuga e você está aprisionado nele. Você é um pássaro na gaiola do sonho!

PÁSSARO - Espere, não vá, por favor!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

II CENA [ÁRVORES ESTRELAS]

NARRADOR - Ainda admirado com esse mundo de fantasia, Divirik penetra no túnel escuro para sua verdadeira realidade. Quando volta a consciência, está debaixo de uma árvore no seio da floresta virgem.

JAPI - Hei! Quem é você? Não pode penetrar em nossas terras. Venha comigo! Eu o levarei ao meu chefe!

DIVIRIK - Não, não... Por favor! Deixe-me ir. Eu sairei das suas terras agora mesmo. Eu sou seu irmão. Eu estou aqui para abrir seus olhos. Os brancos querem roubar suas terras. Eu posso ajudá-los, defendendo seus direitos.

JAPI - Índio sabe que suas terras estão sendo ameaçadas pelo egoísmo dos brancos, que corta como o machado que está destruindo nossa mata. Nossas águas foram violadas pela sujeira da ambição dos brancos. Índio não é ambicioso, ele quer apenas viver livremente na natureza. Quando morrerem as árvores, os rios, os pássaros, índio morrerá também. Índio ama a natureza.

DIVIRIK - Olhe para o céu, você vê o Sol. Você ama o Sol. O Sol é meu pai. Você diz que quer liberdade para ser feliz. Pois eu lhe darei a liberdade, através do Sol. O Sol é o caminho do índio, da Terra.

JAPI --- Eu o deixo ir, porque você é diferente dos outros brancos, seu corpo emite luz. Essa luz me dá esperança. O Sol está em você, índio sente isso. Seu coração é de luz, seus olhos são brilhantes como a água derramando-se sobre o índio. Índio confiou em você, mas auvida dos outros homens. Os homens nunca se importaram com a terra e não sabem que estão destruindo a si próprios. Nós não derrubamos as árvores, mas os brancos as arrancam brutalmente. A árvore suplica, mas eles a cortam. Os pássaros imploram, mas eles os matam. O universo é testemunha. Isso não vai ficar assim.

JURÊ - Japi! O nosso pai está precisando de você... O que está conversando com esse homem?!

JAPI - Ele é nosso amigo.

JURÊ - Não existem homens brancos amigos. Eles só querem explorar o índio.

JAPI - Ele vai embora agora mesmo.

DIVIRIK - Eu só cheguei até aqui porque me perdi na mata... Eu invadi suas terras sem querer, e não quero perturbá-los...

NARRADOR - Quando surge no céu um disco verde brilhante, que vem em alta velocidade na sua direção. Os índios, desesperados, fogem para sua aldeia e Divirik fica imobilizado por uma força estranha que partia da nave. Do disco saem seres misteriosos, com olhos de fogo.

JAPI - Veja Jurê, no céu! Vamos fugir!

JURÊ - O que será isso, meu Deus!

JAPI - Fuja Divirik, senão lhe pegarão!

DIVIRIK - Não... não consigo. Uma força está me parализando!

SAMÃ - Finalmente o encontramos... Você é nosso prisioneiro. É uma ameaça para o nosso povo.

DIVIRIK - Eu nunca farei mal a vocês. Estão enganados. Não podem fazer isso comigo... Vocês não podem enfrentar a força de Deus.

SAMÃ - Você virá conosco, pois seu tempo acabou. Você quer mudar o destino da Terra, e isso nós não permitiremos. O planeta mais adiantado do Universo é o nosso, e nenhum outro vai ameaçar a nossa soberania.

DIVIRIK - Vocês são loucos!... Seu planeta é adiantado, mas o seu imperador ainda não descobriu a própria consciência... Vocês se arrependerão por isso.

SAMÃ - Não existe força no Universo para combater Samã. Samã é o rei do Universo.

DIVIRIK - O próprio Universo pode destruí-lo.

CENA 3 ESTRELAS BRILHANTES INTERIOR SALA
NARRADOR - A nave parte em alta velocidade no céu azul, em direção ao planeta saturno. Sente-se no ar a revolta da natureza e uma chuva leve retrata a separação.

Em Saturno, Divirik é prisioneiro.

DIVIRIK - Levem-me de volta à Terra. Lá é meu lugar... O que há afinal? O que querem de mim?

SAMÃ - Você é nosso prisioneiro e ficará aqui, porque foi escolhido para transformar a Terra, e nós impediremos de qualquer maneira... Talvez até, você tenha que ser sacrificado.

DIVIRIK - Porque você faz questão de se livrar de mim? É inútil o que está fazendo. Seus obstáculos são frágeis, contra as palavras de Deus.

SAMÃ - Seu Deus é fantasia! Você está só, e seu destino está em nossas mãos... Tenho uma surpresa pra você... Guardas! Tragam a moça.

(Aliandra entra na sala)

DIVIRIK - Ali... Aliandra!... Como estou contente em ver você aqui!... Está tudo bem com você?

(Samã retira-se da sala)

ALIANDRA - Sim, está tudo bem. Ainda mais com você ao meu lado. Que saudades... Pelo menos estamos juntos, apesar de tudo que aconteceu conosco... Talvez volte aquele tempo que passamos juntos, com tanto amor...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SAMÃ - Você aí, venha comigo!

DIVIRIK - Ela não vai com você!
(Divirik protege Aliandra)

SAMÃ - Tirem-no daqui! Não quero mais ver essa merda na minha frente.
(Divirik é agredido novamente)

SAMÃ - Vamos!

(Samã leva Aliandra, enquanto Divirik luta com os guardas)

ALIANDRA - Para onde estou sendo levada?

SAMÃ - Você vai ver daqui a pouco.
(Samã sai com Aliandra, enquanto os guardas espancam Divirik... Quando ele recobra os sentidos...)

DIVIRIK - Pôxa...o que aconteceu?...E Aliandra?! Onde estará?

SOL - Não se aflija...Nós protegeremos sua amada.

DIVIRIK - É bom ouvir sua voz novamente, meu pai.

SOL - Acho que você já viveu bastante, para sentir o que é o mundo dos homens. Já é chegado o momento da sua decisão.

DIVIRIK - Eu sei...mas cuide de Aliandra, por mim! Eu não posso viver sem ela.

NARRADOR - No entanto, algo corta o coração de Divirik. Ele ama Aliandra, ele vive Aliandra, mas ele sente que deixou de vivê-la, porque ela deixou de viver. No seu peito o grito de revolta ecoa e sua alma clama por liberdade.

DIVIRIK - O senhor me traiu. Me deu a vida e agora tirou-a de mim...Tirano!

SOL - Não fale assim, meu filho. Eu nunca deixarei de te amar.

DIVIRIK - Eu não perdooarei...ai...ai, meu Deus. O que será de mim agora? Estou perdido. Preciso da sua ajuda, Meu Grande Amigo.

SOL - Eu sempre desejei o melhor para você.

DIVIRIK - O melhor para mim só eu posso escolher! Eu era escravo da sua hipocrisia. Esse elo que nos unia rompe-se agora...Conhecerei a plena liberdade do amor de Deus.

SOL - Você é meu filho. Não pode falar assim...Perdoe-me por favor! Eu o amo muito. Você faz parte de mim.

DIVIRIK - Eu faço parte de Deus! Somente ele é meu Verdadeiro Pai. Mais que um pai, Ele é meu Maior Amigo.

SOL - Assim como você o ama, a mim você também ama, pois todos somos filhos do Seu Amor.

DIVIRIK - Ah...não adianta,nada volta.

ALIANDRA - Não,Divirik...tenha esperança...

DIVIRIK - Sinto muito...mas,qual é o mundo em que as coisas belas voltam? O nosso?...Tudo está sempre mudando.Nada é eterno...Jamais voltará.Nada jamais será igual ao que já foi.

ALIANDRA- Aquele grande amor que você sentia por mim,ainda existe?

DIVIRIK - Há coisas na vida que passam,outras que ficam. O que me liga a você,no entanto,Aliandra,isto o tempo não faz desaparecer.Continua para sempre,mesmo que estejamos separados.

ALIANDRA - Não vamos mais falar do que já passou.Só do que é,e terá que ser.

DIVIRIK - Você sabe o que é amar alguém,e notar que a cada olhar que essa pessoa lança para você,e a cada palavra,que ela também pensa em você?...Isso é o que eu sinto,ao reencontrar você e toda aquela felicidade que vivemos.

ALIANDRA - Me abrace,por favor...

DIVIRIK - Meu amor,como é bom sentir novamente o seu calor.

ALIANDRA - Só você me entende,Divirik...Em seus braços...Ah,eu me sinto como uma criança...ou como um pássaro no seu ninho.

DIVIRIK - Sem você não há caminho Aliandra...Tento gritar,mas não consigo.Meu grito sufoca-se na solidão,no desespero.Mas agora eu sei...você nunca mais vai me deixar...você faz parte de mim.

ALIANDRA - quanta gente existe por aí,que fala,fala e não diz nada.Deixemos nossos corações falarem,eles dizem tudo...

DIVIRIK - O seu olhar faz o meu brilhar de novo...

ALIANDRA - Ouça...Está vindo alguém no corredor.

DIVIRIK - Eu não posso suportar esta situação,com você correndo perigo...eu me sinto culpado.
(Samã entra na sala com dois guardas)

DIVIRIK - O que você quer agora?! Crápula!

SAMÃ - Fechem a boca desse porco!
(Divirik é agredido pelos guardas)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIVIRIK - Quando eu era cego, precisava da sua luz, no entanto, era uma luz falsa... Agora eu encontrei a Verdadeira Luz, a luz de Deus... Não chore. Suas lágrimas se perderão no nada e ninguém o confortará.

NARRADOR - Raios cortam o céu escuro e carregado, destruindo com uma violenta tempestade toda a maldade que há.

Divirik voa para o horizonte e, num momento exuberante, surge do céu o arco-íris, o caminho divino e iluminado que o conduzirá a eternidade.

O Sol convulciona-se, explode e suas chamas derramam-se sobre a Terra, transformando a realidade, numa passagem para uma nova vida. Um tudo ou um nada. O sempre, o jamais. O início, o fim.

- FIM -